

ORFHEU DA CONCEIÇÃO.

Tragedia Carioca

em

TRES ATOS.

DE

VINICIUS DE MORAIS.

ELENCO

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ORFHEU DA CONCEIÇÃO

CLIO

APOLO

EURIDICE

MIRA

DAMA NEGRA

PLUTÃO

PROSERPINA

CERBERO

Escola de Samba "Os Maiorais do Inferno"

Gente do morro, e demais figurantes.

S. B. A. T.

Peça liberada exclusivamente para  
Sociedade Floresta Auxera  
e para fins de Censura. Sua repre-  
sentação em teatro, rádio, televisão,  
e outros meios de comunicação, sem  
de do pagamento prévio dos direitos  
autorais.

P. Alegre, 17 de setembro de 1969

S. B. A. T.



IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS

AMURADA. VINDAS NINGUEM SABE DE ONDE, ENTRAM VOANDO POMBAS BRANCAS QUE LOGO SE PERDEM NA NOITE. PROXIMO, UIVAM CÃES LONGAMENTE. UM GATO QUE SURGE VEM ; ESPREGAR-SE NAS PERNAS DO MÚSICO. VOZES DE ANIMAIS E TREPIDAÇÕES DE FOLHAS-COMO AO VENTO, VENCEM POR UM MOMENTO A MELODIA EM PIANISMO QUE BROTA DO VIO-LÃO MÁGICO. ORFEU ESCUTA, ESTÁTICO. DEPOIS RECOMEÇA A TOCAR ENQUANTO, POR - SUA VEZ, CESSAM OS SONS DA NATUREZA. FICAM NESSE DESAFIO POR ALGUM TEMPO, - ALTERNANDO VOZES, ATÉ QUE TUDO ESTANCA, VOZES, RUÍDOS, E A MÚSICA.)

ORFEU - Eu sou Orfeu.... Mas quem sou eu ? Eurídice....

( VOLTAM POR UM MOMENTO OS SONS OS UIVOS DE CÃES QUE SE LAMENTAM, O CHILREAR PATÉTICO DE PÁSSAROS NOS NINHOS. DEPOIS A MELODIA DO VIO-LÃO SE RETOMA, COMO UM CARINHO.)

ORFEU - Eurídice... Eurídice... Eurídice... Nome que pede que se diga coisas de amor; nome do meu amor, que o vento aprendeu para despeta--lar a flor. Nome da estrela sem nome... Eurídice...

( TENTA EXECUTAR, EM GLISSANDOS, O NOME POR QUE CHAMA. DEPOIS RI -- BEATIFICAMENTE, BALANÇANDO A CABEÇA.)

CLIO - ( DE DENTRO.) Orfeu? meu filho, és tu? que estás fazendo? estás fa--lando sozinho, filho meu?

ORFEU - Mãe, ainda não dormiu?

CLIO - Mas que pergunta. Dormindo eu não estaria perguntando. Onde está com a cabeça, Orfeu?

ORFEU - ( BAIXINHO. ) No céu.

( OUVI-SE BARULHO DENTRO DO BARRACÃO, E POUCO DEPOIS SURGE CLIO A - FICA PARADA, ESPIANDO O FILHO SEM SER VISTA. MAIS TARDE APARECE - APOLO E OS DOIS DEIXAM-SE ESTAR, ATENTOS AOS MENORES GESTOS DO TO-CADOR.)

ORFEU - ( NUM SUSSURRO.) Eurídice... Onde está você, Eurídice?  
( NÃO PARA UM SEGUNDO DE TOC-R .....

IMPRÓPRIO  
ATE 14 ANOS





PRIMEIRO ATO.

CENA.

O morro, a cavaleiro da cidade, cujas luzes brilham ao longe. Plato - de terra com sasarão ao fundo, junto ao barranco, defendido, a esquerda, - por uma pequena amurada de pedra, em semi-círculo, da qual desce um lance-de degraus. Noite de lua, estática, perfeita. No barraco de Orfeu, ao centro, bruxoleiam lamparinas. Ao levantar o pano, a cena é deserta. Depois - de um prolongado silêncio, começa-se a ouvir, distante, o som de um violão tocando uma valsa (&) que pouco a pouco se aproxima, num tocar divino, - simples e direto como uma fala de amor. Surge o Corifeu.

CORIFEU - São demais os perigos desta vida

Para quem tem paixão principalmente

Como uma lua que surge de repente

E se deixa no céu, como esquecida.

E se ao luar que atua desvairado

Vem se unir a uma música qualquer

Ai então é preciso ter cuidado

Porque deve andar perto uma mulher.

Deve andar perto uma mulher que é feita

De música, luar e sentimento

E que a vida não quer, de tão perfeita...

Uma mulher que é como a própria lua:

Tão linda que só espalha sofrimento

Tão cheia de pudor que vive nua.

(&) Obrigatoriamente a valsa " EURÍDICE ", de minha autoria. - Vinicius de Moraes.

CLIO - ( DE DENTRO, A VOZ ESTREMUNHADA.) é o violão de ORFEU... escuta --

Apolo.

APOLO - ( TAMBÉM DE DENTRO BOCEJANDO.) deixa-te

IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS  
estar, mulher...



CLIO - Acorda homem, é o sangue do teu sangue, que está tocando.

APOLO - Então não sei? é boa, ninguém como mulher para ter língua, para dizer as coisas... qual, quem foi que pegou no menino e ensinou ele- quem teve a idéia? quem pagou o dinheiro pelo melhor violão? um instrumento t'esconjuro Clio, que as vezes eu te juro, Clio, tocava- como o roçar do vento....

CLIO - É mesmo. Foi você quem ensinou ele... ele aprendeu, o meu Orfeu. -- Agora ninguém toca com ele, nem o mestre com quem tocava dantes. Qu ve Aplo, melhor. Ouve Apolo, que beleza, que agonia, me dá uma vonta de de chorar...

APOLO - Toca muito o meu filho, até parece não um homem, mas a voz da natu reza... Se uma estrela falasse, assim dizia. Escuta só ( DÁ UMA RI SADA.). Até ofende a Deus tocar dessa maneira. Olha que acordes, - quanta simplicidade, sabes d'uma? Me lembro dele quando, pequenino ficava engatinhado no terreiro, nuzinho como Deus o fez; ficava de boca aberta, resmungando coisa, olhando as estrelhib, melhor estre linhas que acordavam de tarde, pelo céu... este menino, eu pensava conversa com as estrelas... vai ver conversa mesmo.

CLIO - Se conversa, mas fica quieto, peste. É até pecado ficar falando com ORFEU tocando.

( A MUSICA, EM ACORDES, DESENROLA-SE SOLTA, CADA VEZ MAIS SOLTA E - PRÓXIMA. JÁ AGORA RITMOS DE SAMBA COMEÇAM A MARCÁ-LA AQUI E ALI, - RITMOS SAUDOSOS QUE ENCHEM A NOITE. AS VEZES CHEGAM DE LONGE SONS UM CANTAR AGUDO DE MULHER, UMA VOZ DE HOMEM QUE CHAMA, PEDAÇOS -- SOLTOS DE UM ENSAIO DE BATUCADA. MAS O VIOLÃO CRISTALINO PREDOMI NA SEMPRE. NUM DADO MOMENTO, A NOITE FAZ-SE SURTAMENTE MUITO ES- CURA, COMO SE UMA NUVEM ESPESSA TIVESSE ENCOBERTO A LUA. AO CLA-- REAR A CENA, ORFEU ACHA-SE NO TOPO DA ESCADA, Ó VIOLÃO A TIRAR...)

ORFEU - Toda a música é minha, eu sou Orfeu.

( DA UMA SERIE DE ACORDES E GLISSANDO A MEDIDA QUE SE APROXIMA DA-

IMPRÓPRIO  
ATÉ 14 ANOS





(continuação)

COMO ATENDENDO A UMA MÚSICA ÍNTIMA, MAS DE REPENTE SE VOLTA, COMO SENTINDO SE OCBERVADO)

ORFEU - ( A VOZ MEIO AGASTADA.) Mãe? Pai? que é isto? já pra dentro. sair da cama quente com esse tempo frio... não têm juízo?

CLIO - Quem não tem juízo? o que pergunta ou o que responde? o que quer dar um pouco do que é seu ou o que tinha e que perdeu, e nem sabe onde?

ORFEU - ( COMO PARA SI MESMO.) Sabe onde. Sabe onde, minha mãe, neste momento o juízo de Orfeu tem outro nome, um nome de mulher..... Neste momento o juízo de Orfeu canta baixinho um poema de Orfeu que não é seu: é um nome de mulher.... Neste momento o juízo de Orfeu, todo de branco sobe o morro para encontrar Orfeu.

CLIO - Meu filho que é isto? onde está o meu Orfeu? estou te estranhando tanto....

APOLO - Não te mete mulher, deixa o menino...

ORFEU- Não, meu pai foi bom até puxar o assunto. Eu...

CLIO -Tu estás tocando muito hoje, meu filho.... Tu sempre tocas muito, eu sei; mas hoje teu violão entrou pelo meu sono como uma fala triste. Que é que há com você, meu filho, que a tua mãe sabe e não quer saber e que agonia a negra velha?

ORFEU - ( CARINHOSO.) Minha velha... ( CORRE A BEIJÁ-LA) Mãezinha, de?.....

CLIO - Uai podendo, pois a gente não é de carne e osso, não bota filão neste negro mundo. Não sofre, não capina, não se cansa, não espreme o -



peito até dar leite e sangue, não lava roupa até o sabugo ( OLHA APOLO DE LA DO.) não sustenta um malandro, uma coisa ruim que só sabe contar muita garganta e beber sem parar em um botêquim? Pois a gente não é mãe, não cria um filho pra ser, como eu criei, absoluto, pra ser o tal, querido e respeitado por homens e mulheres?

( OLHA APOLO PARA ORFEU, LEVANTA OS OMBROS E INTERNA-SE NO BARRACÃO. AO EMU DECOR SUA MÃE, O MÚSICO POR-SE A TOCAR BAIXINHO, EM ACORDES NERVOSOS.)

ORFEU - Ah, minha mãe, minha mãe, que bobagem, e para que ofender o meu velho, homem tão bom quanto músico, ele que me ensinou tudo o que eu aprendi, da posição a harmonia, e que se nada fez é porque fez de mais, é porque fez poesia....

CLIO - Ah, que eu já estou muito chata desta vida. Tomara já morrer...

ORFEU- Morrer sem ver o filho de seu filho, que vai ser o maioral dos maiorais?

CLIO - ( CHEGANDO-SE A ELE.) que conversa esquisita é essa, meu filho.

ORFEU - ( PONDO-LHE AS MÃOS NOS OMBROS.) Tão grande minha mãe e ainda tão boba. ( RECOMEÇA A TOCAR.) Minha mãezinha, eu quero me, melhor eu quero me casar com Eurídice....

CLIO - ( VOZ DESESPERADA. ) Com Eurídice, meu filho? com Eurídice, nego? mas mas....pra quê?

ORFEU - ( BEDIHANDO DOCEMENTE.)

Eu gosto dela, minha mãe, é um gosto que não me sai nunca da boca, - gosto que sabe a tudo que de bom já tive.... Aos seus beijos de mãe quando menino, a primeira canção que fiz, ao sonho que tive de chegar onde estou hoje... Um gosto sem palavras, como só a música pode saber.....

( BEDIHANDO O VIOLÃO, COMO A PROCURA DA EXPRESSÃO QUE LHE FALTA.)





Minha mãe. Eu quero Eurídice e Eurídice me quer. Teu Orfeu, minha mãe, também é homem. Precisa uma mulher...

CLIO - ( EMBARGADA.)

Uma mulher ? Qual a mulher que Orfeu não pode ter ? É só chamar... Meu filho, o morro é teu, é só você; desde sua mãe, que é tua, até a última mulher... Pra quê ir se amarrar, meu filho ? Pensa um pouco, você nasceu para ser livre, Orfeu. Orfeu prisioneiro...

ORFEU - Você não entende, não; não sou mais eu é ela minha mãe... Orfeu é / Eurídice. A música de Orfeu é como o vento e a flor ; sem a flor / não há perfume, há o vento sozinho, e é triste o vento sozinho, minha mãe...

CLIO - Escuta, filho. Eu sei, tudo isso eu sei ; minha conversa é outra, Orfeu. Não é que eu seja contra você gostar de Eurídice, meu filho. Não tem mesmo mulata mais bonita nem melhor, neste morro - uma menina que faz gosto, de tão mimosa... mas pra quê ? Eu te conheço bem, / Orfeu, eu sou tua mãe, e não Eurídice. Mãe é que sabe, mãe é que aconselha, mãe é que vê. e então eu não estou vendo que descalabro, / filho, que desgraça esse teu casamento a três por dois. Tu com essa / pinta, tu com essa viola, tu com esse gosto por mulher, meu filho ? / Ouve o que eu estou dizendo antes que seja tarde... Não que eu me importe... Mãe é feita mesmo para servir e pôr no lixo... Mas toma atendo, filho ; não provoca a desunião com uma união ; você tem usado de todas as mulheres, eu sei que a culpa disso não é só tua. O -- feitiço entra nelas com tua música. Mas de uma coisa eu sei, meu filho : não provoca o ciúme alheio ; atenta, Orfeu, não joga fora o / prato em que comeste... Você quer a menina ? muito bem, fica com ela filho... - mas não casa. Pelo amor de sua mãe. Pra quê casar ? Quem / casa é rico, filho ; casa não. Quem casa quer ter casa e ter sustento. Casamento de pobre é amigação. Junta só com a menina, casa não.

( ENQUANTO SUA MÃE FALA, ORFEU NÃO PARA UM SÓ INSTANTE DE TOCAR, CO-

MO SE DISCUTISSE COM ELA EM SUA MÚSICA, AS VEZES COM A MAIOR OCUÇURA;/  
AS VEZES IRRITADO AO EXTREMO. AO VER, NO ENTANTO, A FACE DOLOROSA COM/  
QUE CLIO TERMINA A SUA EXORTAÇÃO, CORRE A ELA E ABRAÇA-A.)

ORFEU - Minha velha.

CLIO - ( CHORANDO.)

Meu filho, casa não.

( PEGUE-LHE OS BRAÇOS SOBRE OS OMBROS TRAZENDO-LHE A CABEÇA, E ENFI-  
JA-O RUMENTE SOBRE A TESTA. ORFEU CONSERVA-SE ASSIM POR UM /  
INSTANTE, MEIO CURVO. AO RECUPERAR-SE NOVAMENTE, ESTÁ SOZINHO/  
OLHA ATOA, ATONITO. SEU VIOLÃO, COMO PERDIDO, RESPONDE AO ESTA-  
DO DE ALMA QUE O TOMA EM ACORDES LANCINANTEMENTE DISSONANTES/  
A FRASE MUSICAL CORRESPONDENTE AO NOME DE EURÍDICE REPONTA PUN-  
GENTE EM SEU DEBILHADO AGONICO. ELE APROXIMA-SE DA AMURADA, V/  
VOLTADO PARA AS LUZES DA CIDADE. UMA LUFADA DE VENTO TRAZ SONS  
COMO DE HARPA, QUE PARECEM ENUNCIAR O NOME DE EURÍDICE. TUDO É  
EURÍDICE NA MECÂNICA DO INSTANTE, E A PRESENÇA DA MULHER AMADA  
DEVE MANTER-SE COM UMA FORÇA E FATALIDADE INNARRAVEIS.)

ORFEU - Eurídice, Eurídice, Eurídice.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

( O VIOLÃO RESPONDE COM TRES ACORDES SEMELHANTES. AOS POUCOS, /  
UMA MELHIA PARECE REPONTAR, COM RITMOS MAIS CARACTERÍSTICOS  
DA MASSA INFORME DE MÚSICA QUE BROTA DO INSTRUMENTO, ORFEU, /  
ATENTO AO CHAMADO, DEBILHA MAIS CUIDADOSAMENTE CERTAS FRASES/  
AOS POUCOS O SAMBA COMEÇA A ADQUIRIR FORMA, ENQUANTO A LETRA/  
ESPONTANEA, A PRINCÍPIO SOLETRANDO, VAI SE ADAPTANDO A MÚSICA

ORFEU - ( CANTANDO.)

Um nome de mulher

Um nome só e nada mais...

E um homem que se preza





Em prantos se desfaz  
E faz o que não quer  
E perde a paz.

Eu por exemplo não sabia, ai, ai  
O que era amar  
Depois você me apareceu  
E lá fui eu  
E ainda vou mais...

( REPETE-SE A MELODIA ALGUMAS VEZES, CANTANDO ENTRE DENTES E FAZEN-  
DO UNS PASSANHOS DE SAMBA, QUANDO ACABA RI SOZINHO.)

ORFEU - Eh, sambinha gostoso, estou te vendo descer o morro meu samba... Ó  
turbilhão de músicas em mim. Ih, já tem outra ponta para sair. Sos-  
sega, idéia, calma violão. Assim não adianta. Vamos mais devagar...  
Deixa ver essa melodia. ( DEDILHA.) Frase para uma canção... uma /  
canção a se chamar...

EURÍDICE - ( QUE JÁ SE ACHAVA PRESENTE A ALGUM TEMPO, A OBSERVÁ-LO.)  
...Eurídice.

ORFEU - Foi você que falou violão ? ou foi o nome dela no meu coração que/  
eu disse sem saber ?...

EURÍDICE - Foi não, foi não. Foi o amor mesmo que chegou, Orfeu. Sou eu ne-  
guinho...

ORFEU - ( JOBRANDO-SE, AÍ COM ELA E RECUA COMO OFUSCADO.)  
Eurídice, visão.

EURÍDICE+- Como passou o meu amor sem mim ? Pensou em mim ? 9 SUSPIRA.) três  
horas e quarenta minutos sem olhar o meu amor. Ah, meu amor mais/  
lindo...



( CORREM UM PARA O OUTRO E SE ABRACAM APAIXONADAMENTE. )

0

ORFEU - Sofrimento, só sofrimento.

EURÍDICE - Ouve o meu coração como bate, neguinho. Vim correndo...

ORFEU - ( POE-SE A SOLUÇAR, A CABEÇA OCULTA NO COLO DA AMADA. )

Mulher, eu já nem sei o que me mata; Se é o amor que te tenho, /  
tão maior que esse meu doído peito, ou se é a vontade impossível  
de amar-te mais ainda. ( AFASTA-SE PARA OLHÁ-LA. ) Ah, meu amor/  
como você é linda.

EURÍDICE - Só uma coisa no mundo é linda: Orfeu. ( BEIJA-O. )

ORFEU - Alguém chora de bobo... não sou eu.

EURÍDICE - ( BEIJANDO-LHE OS OLHOS. )

Lágrimas do meu inenso amor, lágrimas tão puras... sobre a tua  
pele escura. Lembram estrelas de noite... deixa eu ver, quero/  
beber uma por uma as lágrimas. Me embriagar de estrelas...

ORFEU - Ah, neguinha. Quanta saudade.

( RIEM-SE OS DOIS DE MKOS DADAS, CONTEMPLANDO-SE. )

Eurídice, dizer que eu nasci antes de você nascer. como é que pode /  
sor ? o que é que eu era antes de Eurídice ? um feixe grande de os-  
sos ? um bocado de carne e pele escura ? dois pés e duas mãos ? e o/  
sentimento e a idéia, o que eram ? nada. O nascimento de Orfeu foi /  
quando Eurídice nasceu.

EURÍDICE - Doçura do meu peito, fala mansa que toda me arrepiá, desgraçado/  
que me matas de gosto, tentação. Ah não me fala assim, não do /  
não, ainda não, ainda não, senão Eurídice vai ser tua esposa de /





ser...

ORFEU - ( TOMANDO-A NOS BRAÇOS.)

Paixão, paixão que me alucina e me dá vida. Mulher do meu amor /  
aparecida, eu te quero pra mim.

EURÍDICE - Ainda não. Por favor, meu amor, um segundinho só ; daqui dois /  
dias nos casamos como se combinou ; já está tratado o casamento  
e tudo : já costi o meu vestido de noiva, comprei véu... Vamos fa-  
zer assim como Deus quer não é mesmo ?

ORFEU - ( ABRACANDO-A VIOLENTAMENTE.)

Paixão, paixão, paixão, paixão por ti, mulher.

( BEIJAM-SE NUM EMBATE IRRESISTÍVEL, ENQUANTO NOVAMENTE O CÉU ES-  
CURECE COMO SE UMA NUVEM OCULTASSE A LUA. SONS COMO VOZES INFOR-  
MES PARECEM VIR DO VENTO, EM MEIO DOS QUAIS RESPONDEM SUBITAMENTE  
OS GEMIDOS AGONIZADOS DE EURÍDICE.)

EURÍDICE - ( A VOZ EMBARGADA.)

Não meu neguinho. Pelo amor de Deus, ainda não, ainda não.

( A LUZ DA LUA VOLTA A ILUMINAR A CENA. ORFEU DESEMBARAÇA-SE /  
LENTAMENTE DO ABRACÃO DA NAMORADA.)

ORFEU - Perdão, Eurídice se é que é possível o amor pedir perdão. Dois dias  
mais... é tanto tempo. Eurídice... ( MUDA DE TOM.) Morro de amor, tá  
bom?... porque a morena não me quer...

EURÍDICE - ( NUM GEMIDO.)

Peste demônio, coisa ruim. Me mata mas não me fala assim...

ORFEU - Minha adorada, eu estou brincando, bem querer...

EURÍDICE - Desculpa... A culpa é minha, eu sei...



ORFEU - Ninguém tem culpa minha neguinha... é só amor - mais nada...

EURÍDICE - ( SUSPIRANDO FUNDO.)

Pôxa, estou com a cabeça revirada...

( RIEM GOSTOSAMENTE. DEPOIS NOVAMENTE SE ABRAÇAM, MAS DESTA VEZ COM INFINITA TERNURA.)

ORFEU - ( BERAÇANDO A NAMORADA.)

O Meu amor tão bom... Meu bem... Meu bem...

EURÍDICE - Diz que mulher tem alma de gato. Tem ?

( RIEM-SE MAIS ABRAÇADOS. DEPOIS EURÍDICE DESENÇAÇA-SE.)

ORFEU - Já neguinha ?

EURÍDICE - É preciso, meu amor... Preciso dar uma chegada em casa, Ver mãe.

ORFEU - V;e se volta, por fafor... Tenho um sambinha novo pra mostrar. E - quem sabe se até você voltar não sai outro...

EURÍDICE - ( DIRIJINDO-SE AO VIOLÃO.)

Me diga... sai, violão ?

( ORFEU LIDILHA O INSTRUMENTO A SOLTA.)

ORFEU - Ele disse que faz o que você manda meu coração.

EURÍDICE - ( MENAENDO-SE.)

Cruz, credo, até parece que essa viola fala de  
Vai ver fala de fato.

( ORFEU, BRINCANDO, EXPRIME COISAS QUE LHE QUER DIZER, COISAS/





SÚPLICES QUE FAZEM A NAMORADA RIR.)

Até, néguinho. Volto num instante.

( DE REPENTE RETORNA O VENTO E OS RUJORES ESTRANHOS DA NOITE. O VIOLÃO TOCA AGITADO POR ALGUNS INSTANTES ENQUANTO EURÍDICE SE AFASTA.)

ORFEU - ( NUM GI TO.)

Eurídice.

EURÍDICE - ( VOLTANDO-SE ASSUSTADA.)

Que foi, Orfeu? alguma coisa, meu bem querer?

ORFEU - Não sei. Me deu de repente uma coisa, uma agonia. Uma vontade de te ver...

( A CENA CLATEIA DE MODO FANTÁSTICO, COMO SE A INTENSIDADE DO LUAR/TIVESSE AUMENTADO SOBRENATURALMENTE.)

Querida, não vai não.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

EURÍDICE - Meu néguinho, que bobagem. É um instantinho só. Volto com aragem..

ORFEU - Porque você está assim, filhinha? o que é que você tem?

EURÍDICE - É a lua, coração. É a luz da lua, não é nada não.

ORFEU - Ai, que agonia que você me deu meu amor, que impressão, que pesadelo como se eu te estivesse vendo morta, longe como uma morta...

EURÍDICE - ( CHEGANDO-SE A ELE.)

Morta eu estou. Morta de amor, eu estou; morta com terrada com o crânio por cima e tudo.

ORFEU - ( SORRINDO.)

Namorada, vaibben depressa. Deus te leve. Aqui ficam os meus restos a esperar por ti que dás vida.

( EURÍDICE A TIRA-LHE UM BEIJO E SAI.)

Mulher mais adorada, agora que não estás, deixa que rompa o meu peito em soluços. Te enrustiste em minha vida; e cada hora que passa é mais por que te amar, a hora derrama o seu óleo e amor, em mim amada... E sabes de uma coisa? cada vez que o sofrimento vem, essa saudade de estar perto, se longe, oi estar mais perto se perto, - que é que eu sei? essa agonia de viver fraco, o peito extravasado, o mel correndo; essa incapacidade de me sentir mais eu, Orfeu; Tudo isso que é bem capaz de confundir o espírito de um homem - nada/ disso tem importância quando tu chegas com este charla antiga, esse contentamento, essa harmonia, esse corpo, e me dizes essas coisas que me dão essa f/ fôrça, essa coragem, esse orgulho de rei. Ah, minha Eurídice meu verso, meu/ silêncio, minha música nunca fujas de mim, sem ti sou nada, sei coisa sem razão, jogada, sei pedra rolada. Orfeu menos Eurídice... Coisa incompreensível A existência sem ti é como olhar para um relógio só com o ponteiro dos minutos. Tu és a hora, és o que dá sentido e direção ao tempo, minha amiga mais/ querida. Qual mãe, qual pai qual nada. A beleza da vida és tu, amada. Milhões amada. Ah criatura quem poderia pensar que Orfeu: Orfeu cujo violão é/ a vida da cidade e cuja fala, como o vento a flor despetal as mulheres - que ele, Orfeu ficasse assim rendido aos teus encantos. Mulata, pele escura, dentes branco, vai teu caminho que eu vou te seguindo. No pensamento e aqui me / deixo rente. Quando voltares, pela lua cheia para os braços sem fim do teu / amigo. Vai tua vida, pássaro contente. Vai tua vida que eu estarei contigo.

( AS ÚLTIMAS LINHAS O VIOLÃO DE ORFEU JÁ COMEÇA A AFIRMAR UMA NOVA MELODIA, / QUE O MÚSICO RETOMA. O SAMBA SE VAI POUCO A POUCO REVELANDO, ENQUANTO A LETRA SE FORMA NATURALMENTE AO SAVOR DO ENSAIO. ORFEU CANTA.)

Vai tua vida

Teu caminho é de paz e amor

A tua vida

É uma linda canção de amor

Abre os teus braços e canta a última esperança





A esperança divina  
De amar em paz...  
  
Se todos fossem iguais a você  
Que maravilha viver.  
Uma canção peço ar  
Uma mulher a cantar  
A sorrir, a cantar, a pedir  
A beleza de amar...  
Como o sol, como a flor, como a luz  
Amar sem mentir nem sofrer  
Existiria a verdade  
Verdade que ninguém vê  
Se todos fossem no mundo iguais a você.

( AS ÚLTIMAS LINHAS ENTRA MIRA.)

MIRA - Tá bom, deixa... Sambinha novo, Orfeu?

ORFEU - ( OLHANDO-A CASUALMENTE.)

É. Samba novo, como vai, adeus.

MIRA - Ah, gostei muito da recepção... Antes não tinha disso não, violão.

ORFEU - É, boa noite. Vê se eu estou na esquina. SE eu não estiver vem correndo me contar. Não me encontrando eu estou em algum lugar.

MIRA - (MUDANDO DE TOM.)

Que é isso coração me desprezando? Antigamente você era diferente/  
Me lembro um samba teu chamado Mira: Se lembra.?

ORFEU - Dêsse lado de cá não escuto nada de tanto que escutei conversa fiada  
Joga pro alto.



MIRA - Te manca aí, benzinho. Se fôsse outra pessoa que falasse você escutava direitinho...

ORFEU - Some, sacode o lombo, vira fada, voa.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MIRA - Tucom essas partes tôdas, coisa atoa. Não faz um ano andava me pegando... Se esqueceu?

ORFEU - Me esqueci. Ora essa é boa. Que é que há pra lembrar que eu não me lembro? soiu esquecido, esquecido...

MIRA - Talvez você precise de alguém pra refrescar a sua memória. Alguma suja, alguma descarada, alguma vagabunda sem vergonha, alguma mulatinha de pedreira metida a branca.

ORFEU - ( VOLTANDO-SE FURIOSO.)

Metete o pé, ferida senão eu te arrebento de pancadas a boca carcomida.

MIRA - ( ENTRENTADO-O.)

É? arrebenta se você é homem.

ORFEU - (CHEGANDO-SE A ELA.)

Vai-te embora, mulher, enquanto é tempo. Não me poe louco. Faz o que eu te digo.

MIRA - ( RINDO SARCÁSTICA.)

Bancando o seu abo'ra... nem te ligo... Quem sabe até não quer me convidar para madrinha?

ORFEU - ( COMO PARA SI MESMO.)

Que é isso, Orfeu... Muita calma... Calma, homem,

MIRA - ( OLHANDO COM DESPREZO.)





É. Vou buscar o calmante. Tá bom? dizer que isso já foi o tal. que é que te deu, Orfeu. Te puêram feitiço?

ORFEU - Vai levando... Desaparece, Mira. Estou querendo é paz, é muita paz./  
Não me chatei pelo amor de sua mãe, sone.

MIRA - ( CUSPINDO.)

Ferida. Ferida és tu, seu mal agradecido. Desprezar essa negra que t  
te deu tudo o que tinha, tudo.

ORFEU - Calma, Orfeu. Muita calma...

MIRA - Vendido, porcafia, filho de uma cadela, vai pro mato procurar a tua EU  
rídica.

( A ESSA PALAVRA ORFEU AVANÇA SOBRE ELA E AGRIDE-A A BOFETADAS. A MU--  
LHER REAGE E OS DOIS LUTAM VIOLENTAMENTE POR UM INSTANTE. NUMA SEPA--  
RAÇÃO MOMENTANEA MIRA, ATemorizada, RECUA.)

CLIO - ( DE DENTRO, A VOZ ASSUSTADA.)

Orfeu? Orfeu?

( ORFEU SE RETOMA E POR UM MOMENTO DEIXA-SE ESTAR NA MESMA POSIÇÃO,/  
OFEGANTE, ENQUANTO A MULHER, APAVORADA, FOGUE LENTAMENTE DE COSTAS/  
ATÉ DESAPARECER NUMA CARREIRA.)

ORFEU - ( A VOZ ALTERADA.)

Pode dormir quietinha, mãe. Sou eu.

CLIO - ( NO ENTRESSONO.)

Não fica muito tempo nesse frio meu filho, vem dormir.

ORFEU - Já vou, mãezinha.

( PEGA NO VIOLÃO E Põe-SE A TOCAR AGITADAMENTE. DEPOIS SERENADO/



EM AGORES QUE AOS POUCOS SE VÃO FAZENDO MAIS E MAIS ALEGRES./  
POR FIM O RITMO DO SAMBA JÁ REPONTA: DÁ UMA SONORA GARGALHADA.)  
Mulher... eh, mulher.

( O INSTRUMENTO PARECE REPETIR A FRASE. ORFEU ASSOVIÁ. DEPOIS O/  
SAMBA COMEÇA A APARECER.)

Mulher, ai, ai, mulher  
Sempre mulher dê no que der  
Você me abraça, me beija, me xinga  
Me bota mandiga.  
Depois faz a briga  
Só pra ver quebrar  
Mulher, seja leal  
Você bota muita banca  
E infelizmente eu não sou jornal.

Mulher, martírio meu  
O nosso amor  
Deu no que deu  
E sendo assim não insista, desista  
Vá fazendo a pista  
Chore um bocadinho  
E se esqueça de mim.

( RI GOSTOSA, SONORAMENTE. ENQUANTO A SUA RISADA SE PROLONGA, CHE-  
GAM NOVAMENTE, INFORMES, OS RUIDOS DA NATUREZA, MISTERIOSOS COMO  
FALAS. A CENA ESCURECE COMO ANTERIORMENTE. OREU, OLHANDO EM TOR/  
NO, SAI LENTAMENTE DE CENA REPETINDO SEU SAMBA AO VIOLÃO. PASSA-  
DOS ALGUNS SEGUNDOS, ENTRA SOTURNO ARISTEU.)

ARISTEU - Eu me chamo Aristeu, pastor de abelhas. Mas não há mel bastante /  
nesse mundo para adoçar a minha negra mágoa... Aristeu, Aristeu,  
porque nasceste para morrer assim, cada segundo de vida te negro/  
amor sem esperança? ah, Eurídice, criança que destina cruel pos--





te, fatal, no meu caminho com teu corpo, teus olhos, teu sorriso e tua indiferença? ah, negra inveja de Orfeu. ah, música de Orfeu, ah, coração. Meu, negro favo crepitando abelhas, a destilarem o negro mel do / crime. Orfeu, meu irmão, porque ? porque teu vulto em forma de punhal / no meu caminho? porque te fez tão belo a natureza, para não Aristeu, / amar-te Eurídice? porque razão te dizes meu amigo Orfeu, se praticas a crueldade de seres como és, e sendo Orfeu seres mais bem amado? ah, desgraçado Aristeu, pobre vendedor de mel, do mel de Orfeu. Tu Orfeu deste / a colméia que um dia, entre as abelhas, de repente abriu na cera o ninho da serpente que há de picar Eurídice no seio: negro seio que nunca / há de dar leite...

( NO FINAL DO MONÓLOGO ENTRA MIRA QUE ESCONDIDA, DEIXA-SE A OBSERVAR ARISTEU.)

MIRA - Não é verdade, Aristeu: o negro seio de Eurídice, daqui mais nove meses estará escorrendo leite branco para o filho de Orfeu, Eusei Aristeu, eu sei porque eu ouvi.

ARISTEU- quem está aí? ( VOLTANDO-SE.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

MIRA - ( APARECENDO.)

Eu, Mira.

ARISTEU - Mentira, é uma mentira. ( VOLTANDO-SE RÁPIDO.)

( AGARRA-A.) Fala, mulher.

MIRA - Se você me sufoca assim como é que eu vou poder falar?

ARISTEU - Então cala.

MIRA - Isso não vou te contar tudo o que Orfeu disse a Eurídice. Otário Aristeu.



( Põe-se a sussurrar-lhe ao ouvido, depois olha em torno. Afastam-se rapidamente. Poucos segundos depois aparece Orfeu acompanhado no violão um choro que se executa longe no morro. A lua ilumina a cena. Mas de súbito tudo escurece, como anteriormente. Orfeu estaca e para de tocar. Logo, do fundo da sombra, cresce uma voz soturna, enorme, como ecoando numa câmara de eco.)

A DAMA NEGRA - O homem nasce da mulher e tem vida breve. No meio do caminho - morre o homem nascido da mulher. Que morre para que o homem te nha vida. A vida é curta, o amor é curto. Só a morte é que é comprida...

ORFEU - Quem falou?

( UMA CENA CLAREIA ENQUANTO SURGE DA ESCADA, LENTA, UMA GIGANTESCA NEGRA VELHA, ESQUÁLIDA, ENVOLTA ATÉ OS PÉS NUMA MANTO/BRANCO, E TRAZENDO NAS MÃOS UM RAMO DE ROSAS VERMELHAS.)

A DAMA NEGRA. - Sou eu, Orfeu: a Dama Negra.

ORFEU - ( AS MÃOS SOBRE OS OLHOS, COMO OFUSCADO.)

Quem sois vós? quem sois vós, senhora Dama.

A DAMA NEGRA - Eu sou a Dama Negra. Não me chamo. Vivo na escuridão. Vim por que alguém que me chamava.

ORFEU - Não chamou. Ninguém chamou aqui.

A DAMA NEGRA - Chamou, Orfeu e eu vim.

ORFEU - Não veio. Aqui quem manda é Orfeu. Mando eu.

A DAMA NEGRA - Hoje alguém me chamou que vai comigo para o fundo da noite / vai comigo alguém que me chamou.





A DAMA NEGRA - O mundo é meu Orfeu, o mundo é meu. Tenho um instante para ficar, Orfeu. Depois, Orfeu tenho que ir adiante...

ORFEU - Vá embora Senhora Dama, eu lhe digo: vá embora. No morro manda / Orfeu. Orfeu é a vida. No morro ninguém morre antes da hora. Agora o morro é vida, o morro é Orfeu, é a música de Orfeu. Nada no morro existe sem Orfeu e a sua viola. Cada homem no morro e a / sua mulher vivem só porque Orfeu os faz viver com sua música. Eu sou a harmonia e a paz, e o castigo. Eu sou Orfeu o músico.

A DAMA NEGRA - Orfeu, eu sou a paz, não sou de briga, Orfeu, o músico.

ORFEU - Orfeu é forte vá embora, Senhora Dama.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

A DAMA NEGRA - Orfeu, não alguém chamou. Aqui esperarei.

ORFEU - Orfeu é muito forte. Orfeu é rei. Vá embora, Senhora...

( Põe-se a tocar furiosamente em seu violão, em ritmos e batidas / violentas. Os sons a medida que se avolumam, vão criando uma im / pressão formidável de magia negra, de macumba, a princípio de - / bruxedo.)

... E vá dançando...

( A DAMA NEGRA, ao ritmo que se desenvolve cada vez mais rapida-- / mente, põe-se a dançar passos de macumba, a princípio lenta, de / pois vertiginosamente, na progressão da música.)

.... Dança, Senhora Dama, dança, dança.

( O MOVIMENTO SEGUE ASSIM, NUM CRESCENDO INFINITO ATÉ QUE, EXAUS- / to, ORFEU PARA, COM MACABRO E DEMONÍACO SOM DO VIOLÃO, A CENA / ESCURECE TOTALMENTE. QUANDO CLAREIA, VE-SE EURÍDICE NO MESMO LU / GAR ONDE SE ACHAVA A DAMA NEGRA, TAMBÉM COM UM RAMO DE ROSA NA / MÃO.)



EURÍDICE - Orfeu, querido que é que aconteceu?

ORFEU - ( OLHA-A COMO SE NÃO A CONHECESSE.)

Eurídice? que sonho tive eu minha Eurídice.

EURÍDICE - ( CORRE ATÉ ELE.)

Tudo do meu nêguinho. Eu demorei demais... Também mamãe não /  
queria que eu viesse, dou conselho: Menina toma tento, espera  
um pouco. Sosega com esse fogo, se resguarda, para, patati-/  
patatá. E eu conversando ela, dizendo que era só um instante/  
que eu só queria te dizer boa noite. Desculpa, meu amor...

ORFEU - Minha adorada, perto de ti não penso mais em nada. Foi um sonho pa-  
ssou...

EURÍDICE - Fêz algum samba?

ORFEU - Fiz dois.

EURÍDICE - Fêz algum para mim, Orfeu?

ORFEU - Tudo o que sai do violão é teu mulher...

EURÍDICE - Que mais aconteceu?

ORFEU - Nada, Mira veio me ver. Me provocou quase dou-lhe na cara uma pre-  
gada.

EURÍDICE - ( RINDO.)

Bôbo, brigando aota. Ciumenta...

ORFEU - ( E. Perdoa a bobagem....

EURÍDICE - ( BEIJANDO-O.)

Perdoado.



( ORFEU PRENDE-A NUM BEIJO E OS DOIS AMOROSOS SE ENLAÇAM ESTREITAMENTE, /  
ENQUANTO VOLTA O VENTO E COM O VENTO OS SONS MISTERIOSOS DA NOITE. MAS/  
ELES NADA PERCEBE, ENTREGUES A FORÇA DA SUA PAIXÃO.)

ORFEU - Mulher, não me maltrata assim, malvada. Não me maltrata assim...

EURÍDICE - ( ABANDONADA.)

Nêguinho, nêguinho meu.

ORFEU - Ó que paixão danada, ó que paixão ruim...

( ENLAÇA-A PELA CINTURA.)

Minha adorada porquê?

EURÍDICE - Meu bem...

ORFEU - Porquê? porquê?

EURÍDICE - Quer a sua morena tanto assim?

ORFEU - ( A VOZ ESTRANGULADA.)

Não é nem mais querer... é coisa ruim, é morte.

EURÍDICE - ( PENSATIVA.)

Morte? morrer... E se eu morresse? voce ia sentir muito? ou/  
ficava quem sabe, até bastante aliviado?

ORFEU - ( NUM SOLUÇO.)

Cala a boca, querida. Se eu agora te perdesse eu iria te buscar  
fôsse no inferno, tanto que te quero.

EURÍDICE - Acaso pensa que eu também não quero?







A DAMA NEGRA - Eurídice morreu...

ARISTEU - Quem falou? quem falou?

A DAMA NEGRA - Eu, Aristeu. A Dama Negra...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

ARISTEU - ( NUM GRITO SELVAGEM.)

Eurídice.

A DAMA NEGRA - Tarde vieste, Aristeu. A tua Eurídice, a tua Eurídice morreu. Naquela casa entre os braços do homem que a perdeu, / entre os braços de Orfeu, a tua Eurídice, a tua Eurídice / morreu, Aristeu.

ARISTEU - Não, não morreu. Está viva. Morrerá do braço meu. Quero o seu / sangue.

A DAMA NEGRA - Ela morreu, Aristeu. Dentro daquela casa, a tua Eurídice, / tudo o que tinha deu a seu Orfeu, Aristeu.

ARISTEU - Cala-te. Ela ainda não morreu. Está viva, eu é que vou matar, / sou eu. Ou minha oã de mais ninguém.

A DAMA NEGRA - Qual, Aristeu... Tudo o que a tua Eurídice guardava já entregou a Orfeu.

( ARISTEU, COMO UM LOUCO, INVESTE PARA A CASA, BRANDINDO OS PUNHOS. NESSE MOMENTO OUVEM-SE AS VOZES FONFUSAS DOS DOIS/ AMANTES A SOMERA. A PORTA SE ENTREABRE PARA DEIXAR PASSAR EURÍDICE. ORFEU SURGE A MEIO CORPO APENAS, ENTRE OS UMBRAIS. BEIJAM-SE DEMORADAMENTE.)

EURÍDICE - Boa noite, meu amor.

ORFEU - Boa noite, amiga.



EURÍDICE - Como o corpo meu que foi teu, também meu pensamento está contigo

ORFEU - Doce bem... Pensa em mim, pensa bastante em mim.

EURÍDICE - ( BEIJANDO-O.)

Meu homem, meu adorado.

ORFEU - Todo teu, todo teu, todo teu, o corpo, a alma e a música de Orfeu.

EURÍDICE - Ah, que saudade.

ORFEU - Nem me fales, mulher, (BEIJA-A.) amor de Orfeu.

EURÍDICE - Dêr mais gostosa só morrer no céu... Meu homem.

ORFEU - Meu amor.

EURÍDICE q Meu doce Orfeu, boa noite, preciso ir...

ORFEU - Leva contigo o meu amor...

EURÍDICE - Congigo fica o sangue do meu amor: amor, adeus...

ORFEU l Vai em paz, meu amor, toma cuidado pelo caminho. ( OLHA A NOITE.)/

Lua foi amiga, foi amiga, não foi, amiga?

EURÍDICE - ( BEIJANDO-O.)

Foi, amigo. Adeus.

ORFEU - ( BEIJA-A.)

Adeus.

( ENTRA. AO VOLTAR-SE EURÍDICE, ARISTEU, SURGINDO DO ESCURO, COM UM /  
PUNHAL NA MÃO, MATA-A ESPETACULARMENTE. EURÍDICE CAI.)





EURÍDICE - ( AO MORRER.)

Adeus.

ARISTEU - ( FUGINDO EMBUÇADO.)

Adeus, mulher de Orfeu.

( A CENA VAI ESCURECENDO LENTAMENTE, ENQUANTO A DAMA NEGRA SURGE DO CANTO ONDE SE OCULTARA. TUDO É SILÊNCIO. COM UM GESTO LARGO A DAMA NEGRA TIRA O GRANDE MANTO QUE A VESTE E COBRE COM ELE O CORPO DE EURÍDICE MORTA ENQUANTO CAI O PANO.)

F I M D O P R I M E I R O A T O.



SEGUNDO ATO.

CENA.

O interior do clube " Os Maiorais do Inferno", num fim de baile de terça-feira gorda. Cenário e ambiente característico do nome, com grande margem para a sugestão de um ballet, sem prejuízo, no entanto, do equilíbrio-clássico que deve ser mantido no decorrer da ação. Pares e indivíduos isolados dançam pelo salão sem música, entre as sombras rubro-negras de refletores a insinuar a presença do fogo. Todas as figuras secundárias, homens e mulheres, vestem-se com o uniforme da sociedade carnavalesca, sendo que / no caso destas últimas a indumentária faz lembrar vivamente Eurídice. Como nas orgias gregas, os homens perseguem as damas, que aceitam e regugam, ao sabor do movimento. Bebe-se fartamente, com unção, na boca das garrafas. / Num trono diabólico, ao fundo, sentam-se Plutão e Proserpina, com uma corte de mulheres a volta. Esse casal mefistofélico deve se caracterizar pelo tamanho e gordura, gente gigantesca, risonha, desperdiçada, a aproximar as comparsas, solitários, a gritar, a beber, insinuando, criando, a festa.

PLUTÃO - ( AS GARGALHADAS, EM TOM ALTÍSSIMO SUGERINDO O SAMBA NEGRO.)

Aproveitem minha gente, que amanhã não tem mais, hoje é o último dia, aproveitem, meus filhos, que amanhã é cinzas, não quero ninguém triste, não quero ninguém sozinho, não quero ninguém a seco encham a cara que a morte é certa. Amanhã é cinzas, hoje é alegria, o último dia de alegria. Afinal de contas, quem é que man- aqui ?

PROSERPINA - ( VIVANDO O REI.)

É o rei, é o rei.

TODOS - ( EM CORO.)

É o rei, é o rei.

PLUTÃO - Quem dá bebida dá alegria dá samba dá orgia ?



TODOS - ( MARCANDO O COMPASSO.)

É O REI, É O rei.

PLUTÃO - ( ERGUENDO-SE EM TODA A ESTATURA.)

Quem é o rei?

TODOS - ( APLAUDINDO VIVAMENTE.)

É O rei, É O rei.

( DISPERSAM-SE COMO DOIDOS, A MARCAR O TEMPO COM PALMAS E SAPATEADAS, ENQUANTO DANÇAM AO SABOR DA FRASE, SEMPRE REPETIDA: " É REI, É O REI." PLUTÃO E PROSERPINA RIEM-SE A MORRER. A SEUS PÉS AS MULHERES RIEM-SE TAMBÉM, A SE ROLAR SENSUALMENTE.)

PLUTÃO - ( NO MESMO TOM AGUDO.)

Triste de quem não quer brincar, que fica a labutar ou a pensar o dia inteiro. Triste de quem leva a vida a sério, acaba/ num cemitério trabalhando de coveiro.

TODOS - ( EM CORO, MARCANDO O COMPASSO.)

Acaba num cemitério, trabalhando de coveiro.

PROSERPINA - ( BEBADA, ERGUENDO-SE.)

E viva a orgia, é o reinado da folia, é hoje o último dia/ e viva.

TODOS - E viva.

PLUTÃO - Quem é que marca o tempo, meus filhos?

TODOS - É o bumbo.

( OUVE-SE O SOM MONSTRUOSAMENTE AMPLIADO DE UM BUMBO.)

PLUTÃO - Quem é que marca o ritmo ?

( O MESMO COM O TAMBORIM.)





PLUTKO - Quem é que marca a cadência ?

TODOS - É o pandeiro.

( O MESMO COM O PANDEIRO.)

PLUTKO - Quem é que faz a marcação ?

TODOS - É a cuica.

( O MESMO COM A CUICA.)

PLUTKO - Quem anima a brincadeira ?

TODOS - É o agogo.

( O MESMO, COM O AGOGO.)

PLUTKO - Então, o que é que faz a batucada ?

TODOS - É o bumbo, é o tamborim, é o pandeiro, é a cuica, é o agogo.

PLUTKO - Então como é como é como é ? sai ou não sai esse samba?

( OUVI-SE O APITO, DEPOIS O PRIMEIRO E EM SEGUIDA O SEGUNDO E TERCEIRO TAMBORINS. LOGO ENTRA A CUICA, NUM CRESCENDO.)

PLUTKO - ( ALTÍSSIMO, SUPERANDO A MARCAÇÃO.)

É o samba ou não é ?

TODOS - É.

PLUTKO - É gostoso ou não é ?

TODOS - É.

PLUTKO - É do diabo ou não é ?

TODOS - É.

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025



( O SOM ATINGE PROPORÇÕES FABULOSAS, ENQUANTO TODO O MUNDO SE PÕE A DANÇAR BATENDO COM OS PÉS A MARCAÇÃO. PLUTÃO E PROSERPINA DANÇAM TAMBÉM, SOBRE O ESTRADO, ENTRE AS MULHERES QUE ROLAM BEBADAS. A CENA CONSERVA-SE ASSIM POR UM TEMPO RAZOAVELMENTE GRANDE, DE REPENTE INSINUANDO-SE, A PRINCÍPIO LONGÍNQUO, DEPOIS NUMA AMPLITUDE CADA VEZ MAIOR, A DOMINAR A BATUCADA, O SOM CRISTALINO DE UM VIOLÃO QUE PLANGE. UMA APÓS OUTRA, TODAS AS FIGURAS VÃO SE IMOBILIZANDO NAS POSTURAS ORIGINAIS DO SAMBA, É O SOM DO BATUQUE/ QUE DECRESCCE, A MEDIDA QUE O DAS CORIDAS AUMENTA. SÓ PLUTÃO SE ERGUE, CO; MO ATONITO E SE INCLINA PARA OUVIR. O INSTRUMENTO CORRE ESCALAS DULCÍSSIMAS, EM TREMOLOS E GLISSANDOS QUE SE APROXIMAM MAIS E MAIS. DE VEZ EM QUANDO, EM MEIO A MÚSICA, UMA VOZ CHAMA. É VOCÊ ORFEU.)

A VOZ DE ORFEU - ( LONGUÍSSIMAMENTE.)

Eurídice.

( CADA VEZ QUE A VOZ CHAMA, CRIA-SE UM SILÊNCIO PROVISÓRIO DO VIOLÃO. ESSES CHAMADOS ALTERNAM-SE COM A EXPRESSÃO CARINHOSA DA MÚSICA, DA QUAL PARTICIPA FREQUENTEMENTE A FRASE MUSICAL CORRESPONDENTE AO NOME DA MULHER AMADA. EM BREVE AS MULHERES APENAS, NÃO OS HOMENS, VÃO SAINDO DO LETARGO EM QUE SE ACHAVAM E COMO DENAEROCHAN DO DA IMOBILIDADE.)

A VOZ DE ORFEU - Eurídice, Eurídice.

( A MEDIDA QUE O NOME VAI SENDO REPETIDO, AS MULHERES REHASCSEM TOTALMENTE, DANDO LUGAR ENTÃO A QUE SE OUÇA UM/PRENÚNCIO DE CORO, COISA FRAGÍLIMA, ESPÉCIE DE SUSCURREU OU FREMITO VOCAL, COMO UMA CREPITAÇÃO DE VENTO, REPETIDO DISSONANTEMENTE PELAS MULHERES, EM ESCALAS SUCESSIVAS, ATÉ DESAPARECER DE TÃO TENUE. ESSE ECO CORAL / DESDOBRA O PATÉTICO DO NOME QUE A VOZ DE ORFEU TROUVE/ DE LONGE.)



A VOZ DE ORFEU - Eurídice.

O CORO DAS MULHERES - Eurídice...rídice...ídice...dice...ice...ce...ce...eee

A VOZ DE ORFEU - ( TRISTÍSSIMA.)

Eurídice...

O CORO DAS MULHERES - Eurídice...rídice...ídice...dice...ce...

A VOZ DE ORFEU - Mulata...

O CORO DAS MULHERES - Ai...ai...ai...ai...ai...ai...ai...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

PLUTÃO - ( ERGUENDO-SE ARREBATADAMENTE.)

Continua a festa, continua a festa.

( A ESTAS PALAVRAS IMPERATIVAS AS MULHERES SE IMOBILIZAM, ENQUANTO/  
OS HOMENS COMEÇAM A DESPERTAR. INSINUA-SE, EM MEIO AO TOM DO VIO-  
LÃO, O TOQUE DA BATUCADA.)

PLUTÃO - ( BRADANDO.)

Alegria, é o reinado da alegria, amanhã é cinzas, hoje é o último  
dia, e viva Momo, e viva a folia....

PLANO DO CÉREBERO. -- VE-SE ORFEU QUE VEM TOCANDO SEU VIOLÃO, UMA GRANDE EX-  
PRESSÃO DE MÁGOA ESTAMPADA NO ROSTO. ELE BUSCA EURÍDI-  
CE EM MEIO A LOUCURA DO CARNAVAL. DIRIJE-SE PARA O CLU-  
BE DOS MAIORES DO INFERNO, ONDE SE APRESSA EM INFER-  
NALMENTE A BATUCADA. MAS, SÚBITO, VE SEU CAMINHO BARRA-  
DO PELO CÉREBERO, O LEÃO-DE-CHÁCARA DO CLUBE, O GRANDE/  
COTO DE MUITOS BRAÇOS E MUITAS CABEÇAS, QUE INVERTE CON-  
TRA ELE AMEAÇADORAMENTE, E SÓ NÃO OTRUCIDA PORQUE OR-  
FEU NÃO PARA DE TOCAR A SUA MÚSICA DIVINA, QUE O PER-  
TURBA. QUANDO O CÉREBERO AVANÇA, ORFEU REQUAY, EM SA-





BER, É ANTE A MÚSICA É O CÉRBERO QUE POR SUA VEZ RECUA, SEM SABER O QUE /  
FAÇA. POUCO A POUCO A MÚSICA DE ORFEU DOMINA O CÉRBERO, QUE ACABA POR VIR/  
ESTIRAR-SE AOS SEUS PÉS, APAZIGUANDO.)

( A BATUCADA PROSEGUE EM CRESCENDO, DOMINADO AOS POUCOS OS SONS DO /  
VIOLÃO. ASSIM PERMANECE POR ALGUNS INSTANTES. DE REPENTE OUVI-SE /  
UM BRADO DESESPERADO, EM GRITO INARTICULADO, COMO DE HORROR. DEVE /  
SER TÃO SOBRE-HUMANAMENTE ALTO E SÚBITO QUE O SEU EFEITO SERIA O DE  
TRAUMATIZAR COMPLETAMENTE A ASSISTÊNCIA.)

ORFEU - Eurídice.

( LOGO APÓS ESSE GRITO AUMENTAM OS REFLEXOS VERMELHOS DO FOGO, E /  
EM SEGUIDA FAZ-SE A ESCURIDÃO. UMA LUZ BRANCA PROJETA-SE SOBRE /  
O LIMIAR. VEM TODO DE BRANCO, E VIOLÃO A TIRACOLO. ALI SE DEIXA/  
ESTÁTICO, POR UM TEMPO SUFICIENTEMENTE GRANDE PARA QUE SE REALI-  
ZE NO ESPAÇO O SILENCIO EVOCADO POR AQUELE MONSTRUOSO GRITO. AO/  
SOAR O VIOLÃO, ACENDEM-SE LUZES E O MÚSICO INGRESSA NA SALA. TO-  
CA UM CHORO TRISTE, AO SOM DO QUAL DANÇAM AS MULHERES, SOMENTE /  
ELAS, EM PASSOS LÂNGUIDOS, ISOLADAMENTE. ORFEU PASSEIA PELA SALA  
E DURANTE ESSE TEMPO DO PASSEIO AS MULHERES O REQUESTAM COM OS /  
GESTOS DE SUA DANÇA.)

PLUTÃO - ( PONDO-DE DE PÉ, NUM BRADO.)

Quem sois, tu?

ORFEU - ( PARANDO DE TOCAR, ENQUANTO SE IMOBILIZAM AS MULHERES.)

Eu sou, Orfeu o músico.

PLUTÃO - ( BRANDINDO O PUNHO.)

Em nome do diabo, responde: quem sois tu?

ORFEU - EU sou a mágoa, eu sou a tristeza, eu sou a maior tristeza do mundo

Eu sou Orfeu o músico, eu sou eu.



PLUTÃO - O que queres ?

PROSERPINA - ( ATIRANDO-SE NOS SEUS BRAÇOS? BEBADA, A BUSCAR-LHE A ATENÇÃO.)

Ele quer é rosetar, deixa ele, bem. Olha pra mim.

PLUTÃO - Silêncio, mulher. Plutão está falando, Plutão, o rei dos infernos.  
Não quero ouvir nem o voar de uma mosca. Silêncio. ( DIRIJINDO-SE.)  
A ORFEU.) O que queres ?

ORFEU - Eu quero a morte.

PLUTÃO - Para de fazer gracinha. Diz de uma vez: quem sois tu, e o que queres ?

ORFEU - Eu quero Eurídice.

( A ESSE NOME AS MULHERES RECOMEÇAM EM SUA DANÇA LANGUIDA, ENQUANTO MURMURAM.)

AS MULHERES - Eu quero a vida, ninguém me dá vida, carnaval acabou, a vida morreu, acabou-se a vida, a vida sou eu, a vida morreu....

PLUTÃO - EM nome do diabo, diz o que queres homem.

ORFEU - ( A VOZ GRAVE E PATÉTICA..)

Eu quero Eurídice.

AS MULHERES - ( DANÇANDO.)

Eu sou Eurídice. Eurídice sou eu. Quem foi que disse que eu não sou Eurídice ? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice ? Quem foi que disse que eu não sou Eurídice ?

ORFEU - ( NUM GEMIDO DO VIOLÃO.)

Eurídice, querida. Vem comigo.

( ESTENDE OS BRAÇOS PARA AS MULHERES, COMO A SOLICITA, MAS VE-



EM, DEIXANDO-SE NAMORAR E DESVANCILHAM-SE AO SABOR DO MOVIMENTO.)

PLUTÃO - Ninguém sai daqui sem ordem do rei. Pra fora penetra. Maiorais do Inferno: ponham o penetra pra fora, pra fora, pra fora, ninguém cuer arigó aqui.

( OS RUMORES DA BATUCADA COMEÇAM NOVAMENTE A SE ACENDER. OS HOMENS SE MOVIMENTAM, APROXIMANDO-SE UM PASSOS MEDIDOS, AMEAÇAM DORAS, MAS ORFEU DOMINA OS COM A MAGIA DE SEU VIOLÃO. O MOVIMENTO ESTACA POR COMPLETO.)

ORFEU - Não sou daqui, sou do morro. Sou músico do morro. No morro sou conhecido - sou a vida do morro. Eurídice morreu. Desci a cidade para buscar Eurídice, a mulher do meu coração. Há muitos dias melhor a muitos dias busco Eurídice. Todo mundo canta, todo mundo bebe: ninguém sabe onde Eurídice está. Eu quero Eurídice, a minha noiva morta, a que morreu por amor de mim. Sem Eurídice - não posso viver. Sem Eurídice não há Orfeu, não há música, não há nada. O morro parou, tudo se esqueceu. O que resta da vida é a esperança de Orfeu ver Eurídice, de ver Eurídice nem que seja pela última vez.

PLUTÃO - Pra fora, aqui não tem Eurídice nenhuma. Tás querendo me acabar com o baile, pilantra. Aqui mando eu. Pra fora, já disse.

PROSERPINA - ( CAINDO BEBADA SOBRE ELE.)

O cara tá é cheio... Deixa ele, bem, senão pode sair as trago. Vem cá, dá um beijinho.

PLUTÃO - Espera, mulher, como é que pode ? como é que pode tocar a festa ? precisa pôr o homem na rua. Não estás vendo que o homem - tá de malícia?

AS MULHERES. - ( EM CORO.)

Eu sou Eurídice.....





ORFEU.- ( MOVIMENTA-SE DE UMA PARA OUTRA.)

Vem comigo, mulata, vem comigo. Sem você não há vida, não há música, não há nada. Vem comigo. Vem conversar comigo como dantes. Vem comigo, vem deitar na minha cama como dantes.

AS MULHERES ▽ ( DANÇANDO.)

Quem foi que disse que eu não sou Eurídice ? quem foi que disse que eu não sou Eurídice?

PLUTÃO - ( A VOZ AGUDA.)

Ninguém sai daqui sem ordem do rei. Aqui é o rei é que manda. / Toca a música, onde está a música? Cadê o bumbo o tamborim a / cuica o pandeiro o agogô? Toca o apito, começa o samba. Não aca bou o carnaval ainda não.

PROSERPINA - Não resolve... O homem tá de cara cheia. Deixa ele. ( RI HISTÉRICAMENTE.) Dôr de costeado tá comendo solta, dor de costeado tá comendo solta minha gente.

ORFEU - ( ESTENTRADO.)

Onde estou eu? Quem sou eu? Que é que vim fazer aqui ? Como é - que foi ? Isso é o inferno e eu quero o céu. Eu quero a minha - Eurídice, a minha mulata linda, coberta de sangue... Eu quero a minha Eurídice, que brincava comigo, a minha mulata do dente -- branco...

( AS MULHERES O RODEIAM, DANÇANDO-SE AS MÃOS. A BATUCADA RECOMEÇA, BAIXINHO, ENTRE VOZES E RISADAS PERDIDAS. ESTÃO TODOS BEBADOS, LARGADOS. ALGUNS HOMENS CORREM, TONTOS, ATRÁS DE UMAS POUCAS MULHERES/ QUE BAILAM SOLTAS.)

AS MULHERES-▽- ( ACOMPANHANDO O BUMBO E A CUICA EM RITMO DE MARCHA.)

Ciranda, cirandinha  
Vamos todos cirandar  
Já bateu a meia-noite  
Carnaval vai acabar



ORFEU - ( DE BRAÇOS PARA O ALTO.)

NÃO ainda não morreu.

AS MULHERES - Tinha uma, tinha duas  
Tinha três, tinha um milhão  
Tanta mulher não cabia  
Dentro do seu coração.

ORFEU - A minha Eurídice....

AS MULHERES - Vamos, maninha, vamos  
Na praia passear  
Vamos ver o casamento  
Ó maninha  
Que acabou de celebrar.

ORFEU - Eu e Eurídice....

AS MULHERES - Vamos, maninha, vamos  
Na praia passear  
Vamos ver a noiva bela  
Ó maninha  
E a marcha nupcial.

ORFEU - Aonde ? aonde ?

( PEUTÃO E PROSERPINA RIEM E SE ABRAÇAM, JÁ MEIO DORMINDO.)

AS MULHERES - O anel que tu me deste  
Era vidro e se quebrou

ORFEU - ( QUE SE POS A BEBER DE UMA GARRAFA EXALTADO.)

Não, era o maior amor do mundo. Era a vida, era a estrela, era/  
o céu, maior que a morte. Eurídice, querida, acorda e vem comi-  
go.....



AS MULHERES - Nessa rua, nessa rua tem um bosque

Que se chama, que se chama solidão...

ORFEU - ( CLAMANDO.)

Eurídice, vem comigo.

( AS LIBAÇÕES CONTINUAM GERAIS. VÁRIOS CASAIS JÁ DORMEM PELO /  
CHÃO. ALGUNS AINDA DANÇAM SAMBAS CAPRICHADOS, SEM MÚSICA. UM /  
CASAL DE MALANDROS DANÇA UM EM FRENTE AO OUTRO, JOGANDO CAPOEI-  
RA.)

AS MULHERES - ( PEGANDO-SE PELAS MÃOS, E FAZENDO-SE TROCAR OS LUGARES, A-  
CADA LINHA, OS DOIS MALANDROS CONTINUAM A CAPOEIRA.)

Os escravos de Job

Gostavam de brigar

Vira, mata, pega o zamberé

Que dá.

( BIS.)

Guerreiros com guerreiros

"

Zip-zip-zip-zá

"

ORFEU - ( ORFEU CORRE DE UMA MULHER PARA OUTRA, TENTANDO SEPARÁ-LAS/  
MAS O MOVIMENTO SEMPRE O REPELE. ELE BEBE AVIDAMENTE. POR/  
AI ENTÃO JÁ TODOS DORMEM, COM EXCEÇÃO DAS MULHERES QUE CAN-  
TAM E DOS MALANDROS QUE DANÇAM A CAPOEIRA, UM EM FRENTE AO  
OUTRO A DIREITA.)

ORFEU - ( BRANDENDO A GARRAFA.)

Eu sou o escravo da morte, eu sou aquele que procura a morte, a  
é Eurídice, vem comigo, morte....

( REQUERSTA AS MULHERES, MAS ESTAS SE DESVENCILHAM. ORFEU PEGA O -  
VIOLÃO E BEDIÇA. POR UM MOMENTO OS SONS DULCÍSSIMOS DOMINAM TU-  
DO E O MOVIMENTO CESSA TOTALMENTE, ATÉ QUE AS MULHERES, FASCINA-  
DAS, COMEÇAM A SEGUIR ORFEU EM PASSADAS LANGUIDAS, MENDEAS EN-  
QUANTO O MÚSICO SE AFASTA DE COSTAS, EM DIREÇÃO A PORTA EN-  
FRENTE. MAS QUASE NO MOMENTO DE SAIR, INCUTEM, ENTRE OS ACO-  
RDES DO VIOLÃO, OS RITMOS PESADOS, SOTURNOS DA BATUCADA. OS DOIS SONS /

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025





COINCIDEM POR ALGUNS INSTANTES, ENQUANTO AS MULHERES, INDECISAS, FLUEM/  
E REFLUEM AO SABOR DOS DOIS RITMOS.)

ORFEU - ( PARA AS MULHERES, APONTANDO-AS.)

Vem Eurídice. Eu te encontrei. Eurídice é você, é você, é vo-  
cê. Tudo é Eurídice. Todas as mulheres são Eurídice. Quem é -  
que quer mulher morta? Eu não quero mulher morta, eu quero -  
Eurídice, viva como na noite do nosso amor. Vem, minha vida...  
( A AURORA RAIA, POUCO A POUCO, ENTRE AS SOMERAS RUERAS, ORFEU /  
VOLTANDO PARA FORA, EXCLAMA.)

ORFEU - E madrugada, Eurídice... Lembra, querida, quantas madrugadas eu  
vi nascer no morro ao lado teu? Lembra, Eurídice, dos passari-  
nhos que vinham aceitar o desafio do violão de Orfeu? Lembra -  
do sol raiando sobre o nosso amor? ( ERGUE OS BRAÇOS PARA A AU-  
RORA.) Eurídice, és tu a madrugada. a noite passou, a escuridão  
passou. Espera, minha Eurídice, eu vou, me espera.....

( VAI SAINDO, TOCANDO O SEU VIOLÃO, ENTRE OS ACORDES DA BATU-  
CADA EM PIANÍSSIMO. AS MULHERES CORREM MOVIM, MEÇHOR, IMPÓS  
ELE, MAS O RITMO PRESENTE AS PRENDE MAIS. A CADA MOVIMENTO/  
PARA FRENTE RESPONDEM COM UM REFLUXO GERAL, LANGUIDO, DEN-  
TRO DO TEMPO DO SAMBA.)

ORFEU - ( BEM LONGE.)

É madrugada Eurídice.....

AS MULHERES - ( EM CORO, DANÇANDO, CANTAM SEM PALAVRAS, COM SONS EM --  
SURDINA QUE AUMENTAM COMO VIOLINOS.)

Hum... m..... m..... m.....

( A CENA SE CONSERVA ASSIM, AS MULHERES DANÇANDO LANGUI-  
DAMENTE, OS DOIS MALANDROS LUTANDO CAPOEIRA. A LUZ DA SALA,  
QUE SE FAZ MAIS E MAIS CLARA. OUVEM-SE A VOZ -  
DE ORFEU E DE SEU VIOLÃO, MUITO LONGE, EM UM RITMO DE  
TO -  
QUE EM PIANÍSSIMO DA BATUCADA. DEPOIS CAI LENTAMENTE O



TERCEIRO ATO.

CENA.

A mesma cena do 1 Ato. Crepúsculo. Em frente ao barracão de Orfeu/vêm-se agrupamentos de pessoas que conversam " ad lib ", em tom grave/atentas aos acessos de choro e, por vèzes, gritos de animais, de dôr / que provém de Clio no interior da casa. Entra o CORO.

CORO.

PRIMEIRA VOZ - Ai, Orfeu...

SEGUNDA VOZ - Pobre Orfeu...

TERCEIRA VOZ - Orfeu tão puro...

QUARTA VOZ - Tão puro que de amor enlouqueceu...

QUINTA VOZ - Creio em Orfeu...

SEXTA VOZ - Criador de melodia...

PRIMEIRA VOZ - Orfeu filho de Apolo...

SEGUNDA VOZ - Nosso Orfeu...

TERCEIRA VOZ - Nasceu de Clio...

QUARTA VOZ - E muito padeceu sob o poder maior da poesia...

QUINTA VOZ - E foi pela paixão crucificado....

SEXTA VOZ - E ficou louco e abandonado...

CORO - ( EM UNISSONO.)



Desceu as trevas, e das grandes trevas ressurgiu a luz, e subiu ao mor  
ro onde está vagando como alma penada procurando Eurídice...

CLIO - ( POSSESSA. )

Ah, maldita, maldita, que fizeste com o meu filho ?...

APOLO - ( AFLITO, DE DENTRO. )

Sossega, coração. Tem calma, Clio, pelo amor de Deus... Olha  
os vizinhos, minha nêga.

CLIO - ( AOS BERRROS. )

Vaca, prostituta, cadela, vagabunda. Nasce de nôvo que é para  
eu te comer os olhos, sem vergonha, descarada, nasce de novo/  
nasce.

APOLO - Minha filha, minha filha, tem calma...

CLIO - ( EM PRANTOS. )

Vai embora, sai de perto de mim. Quero o meu filho. Onde está  
o meu Orfeu ?

APOLO - Está por aí quietinho que parece uma criança. A doidera de Or-  
feu, mulher, é sãsa...

( OUVI-SE UM ESTERTOR DE CLIO. )

CLIO - Não, é mentira. Deido o meu Orfeu ? Ah, Deus do céu, me leva /  
bem depressa que é pra eu encontrar aquela negra que endoideceu  
o meu Orfeu, me leva Deus.... ( MUDA DE TOM. ) Não, não quero /  
saber de Deus, que Deus é este que apagou assim o espírito de /  
Orfeu ? Não quero Deus, Deus de mentira, Deus de inveja

( UMA CRISE DE PRANTO A INTERROMPE. )





APOLO - Não sei mais o que faço. São três dias desse martírio... Minha /  
pobre velha. Assim ela endoidece igual ao filho...

CLIO - ( DE DENTRO.)

Ah, quem me traz o meu Orfeu de volta, ha quem me traz...

APOLO - Meu Deus, que coisa horrível. Porque é que nesse mundo não tem /  
paz ? Porque tanta paixão ?

CLIO - ( CHORANDO.)

Não posso mais. Me matem, por favor....

APOLO - ( AOS CIRCUNSTANTES.)

Vocês aí... Por favor, minha gente... qualquer coisa... Pela /  
estima que tinham ao meu Orfeu. Me façam qualquer coisa...

( ENTRA ENXUGANDO LÁGRIMAS. COMENTÁRIOS " AD LIB".)

UMA MULHER - Que tragédia. Nem eu não posso mais. Isso há três dias. Es-  
sa mulher não aguenta. É necessário que vá alguém lá embai-  
xo ver se rapidamente trás um socorro qualquer...

UM HOMEM - Uma ambulância. Tem um posto o da Praça. Eu dou um pulo.

UMA VELHA - Vai depressa meu filho. E Deus te guie.

( UM HOMEM DESCE CORRENDO. POR UM MOMENTO FAZ-SE UM GRANDE /  
SILENCIO NO GRUPO.)

UMA MULHER - E Orfeu, onde andará ?

UMA OUTRA MULHER - Anda vagando. Passa os dias doidando pelo morto...  
Meu filho ainda outro dia topou ele. Diz que é um im-  
pressionante. Vocês conhecem meu garoto, não é ? /  
Não é medroso. Pois bem: v oltou tão.....



impressionado que foi preciso fazer reza nela pra passar...

( FAZ-SE UM CÍRCULO A SUA VOLTA, COMENTÁRIOS "AD LIB".)

UMA TERCEIRA MULHER - Ih, menina.

UMA QUARTA MULHER - Como foi ?

A PRIMEIRA MULHER - Foi assim: meu garoto vinha vindo da banca do engraxate ( vocês sabem como éle, de levado, sobe o morro lá pela ribanceira...) Muito bem. Vinha assim vindo/ Estava escurecendo, quando éle entrou na mata. De re pente, vê uma aparição, esfrega os olhos: Não era or feu, Orfeu todo de branco, como anda sempre, violão/ no peito, braços abertos, boca com um sorriso como / esperando alguém, alguém que veio porque éle olha pr pro lado de repente, abre ps braços assim e sai correndo. Vai embora. Meu filho segue éle, mas Orfeu se escondeu quem sabe onde.... Pobrezinho, tal qual alma penada.... Talvez pior, que está penando em vida.

( COMENTÁRIOS " AD LIB." )

A SEGUNDA MULHER - E nunca mais ninguém ouviu um som sair do violão...

A TERCEIRA MULHER - É. Não está certo. Desandou tudo nesse morro. Tudo / Quanta briga, meu Deus, que tem saído, quanta gente pra outros morros, foi mau olhado, foi....

A QUARTA MULHER - Cala essa boca. Não chama mais desgraça, criatura. Eu/ por mim vou-me embora. Aqui não fico.

( COMENTÁRIOS " AD LIB. " )



A PRIMEIRA MULHER - E mira, você já viu ? Tá doída, Mira... Doída varri-

da, Mira... Diz que fica lá na " Tendinha ", Mira e mais aquelas outras /  
rameiras que tem lá por cima. Fazendo toda a sorte de estrupício, dizem--  
do cada nome e enchendo a cara, fazendo bruxaria noite a dentro e falan-  
do que foi por causa dela que Aristeu, o criador de abelhas, esfaqueou /  
Eurídice, e que Orfeu está maluco assim por causa dela. Não por causa de  
Eurídice... Ora veja. Ninguém não quer passar mais lá por perto... E com  
toda razão. Eh, mundo louco.

UM HOMEM - E lembrar desse morro há uma semana... Na parecia um morro /  
da cidade. Uma calma, um prazer, uma harmonia. Quanto samba /  
de Orfeu de boca em boca, quanta festa com Orfeu sempre pre-  
sente, quanta falta de briga...

( COMENTÁRIOS " AD LIB." )

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

UM OUTRO HOMEM - Eu que o diga... Foi Orfeu quem mudou a minha vida. Eu  
o que sou a ele. Antigamente era só valentia, briga /  
atos. " Té que ele veio e conversou comigo. Orfeu não/  
era um homem, era um anjo.... Agora digam : vale a pe-  
na ?... Qual. Mulher é perdição...

UMA OUTRA MULHER - E não faltava nada pra ninguém... Qualquer necessida-  
de, não sei como Orfeu sabia e logo aparecia um di--  
nheirinho - tudo samba dele... Uma tristeza em casa?  
uma quizília ? Ele vinha, mexia, se virava, sapecava  
um sambinha de improviso. Brincava... Um anjo. Tinha  
pés de santo....

( UMA MULHER PÔS-SE A CHORAR E SAI CORRENDO DA CASA. )

A SEGUNDA MULHER - " Tadinha. Era tarada por Orfeu. Foi namorada dele /  
antes de Eurídice, nunca mais o esqueceu....

( OUVI-SE LÍSTANTE A SIRENE DE UMA AMBULANCIA QUE POU--  
POIS CESSA. LOGO EM SEGUIDA ENTRAM OS RUIDOS LONGÍNQUOS DE





UM BATAQUE BATIDO SOBRE CAIXAS E LATAS. ESSE RUÍDO DEVE SE APROXIMAR PROGRESSIVAMENTE DURANTE AS CENAS QUE SEGUEM.)

A PRIMEIRA MULHER - É A ambulância.

( CORRE AO BARRACÃO E GRITA DA PORTA.)

Sh, seu Apolo. Eu acho que é a ambulância...

APOLO - ( APARECENDO A PORTA.)

Coitada. Tá que é um trapo. Mas não doras. Choro sempre correndo de olho aberto. A mão no coração.

A PRIMEIRA MULHER - Avisa ela, que é pra depois não dar alteração.....

APOLO - Obrigado.

( ENTRA. O SOM DO BATAQUE QUE SOBA FAZ-SE CADA VEZ MAIS PRÓXIMO: / SURGE, ESFALFADO, O HOMEM QUE DESceu PARA CHAMAR A AMBULANCIA / ACOMPANHADO DE UM OUTRO. TRAZEM COM SIEM UMA MACA.)

O HOMEM - Tá pronto, minha gente. Trouxe a maca. A ambulância está em baixo, que caras mais folgados... Adivinha o que disse o doutor ?  
" - Vocês são fortes, subam e tragam a mulher que eu espero em baixo, e depressa que eu tenho um caso urgente me esperando.."

UM OUTRO HOMEM - Essa sopa vai acabar....

( OUVI-SE DENTRO DO BARRACÃO UM GRITO DESESPERADO DO CLIO.)

CLIO - Não, eu não quero ir, me deixem em paz. Eu quero o meu Orfeu. Cade? Cadê o meu filho ? Onde está ele ? Apolo, eu quero ele.

APOLO - " Tá bom, minha filha. Fica sossegada. Foi Orfeu quem mandou buscar você. Tá te esperando. Vem.



CLIO - Mentira tua, isso é mentira tua, ah Deus do céu porque sofrer assim?

APOLO - ( SURTINDO A PORTA.)

Vocês aí... Me ajudem por favor..

( DOIS HOMENS AFIANTAM-SE E ENTRAM NO BARRACÃO. OUVEM-SE DE INÍCIO/  
MURMÚRIOS, DEPOIS BERROS SEGUIDOS DE RUÍDOS DE LUTA E COISA QUE-  
BRADA. EM SEQUIDA CLIO SURGE A PORTA ESFRANGALHADA. SEU ASPECTO/  
É TERRÍVEL.)

CLIO - Por caridade, não me leve daqui. Ah, não me leve de junto de meu/  
filho. Eu quero ele doído mesmo, é meu filho, é meu Orfeu. Por cari-  
dade, vão buscar meu filho. Vocês sabem, Orfeu da Conceição. Sujui-  
to grande, violão no peito, Tá sempre por aí... Vocês conhecem é o/  
meu Orfeu... dizem que enlouceceu, mas é mentira, eu sei. Orfeu é -  
músico. Sua vida é a música. Sem Orfeu não há vida. Orfeu é a senti-  
nela do morro, é a paz do morro, Orfeu. Sem ele não há paz, não há n-  
nada, só o que há é uma mãe desgraçada, uma mãe triste, com o coraq-  
ção em sangue. E tudo isso por causa de uma descarada suja, uma ne-  
grinha que nem graça tinha. Uma mulher que não valia nada (SURTITA--  
MENTE POSSESSA.) Descarada. Ah, nasce de novo, nasce pra eu te pia-  
antar as unhas nessa cara, pra eu te arrancar os olhos comessas de  
dos, pra eu te cobrir o corpo de facada. ( MUDA D. TOM DE REPENTE.)  
Não, ela não morreu, meu Deus, não deixa, eu quero ela pra mim, eu /  
quero ela Eurídice, só um instantinho eu quero ela pra mim. Eu ju-  
ro que depois fico boazinha, prometo. Deus do céu, não quero nada. /  
Só quero ela pra mim, que me leve a cova dela que é pra eu cavar /  
dentro da terra. Desenterrar o corpo da raseira. Ver ela podre, toda  
desmanchada, cheia de bicho...

APOLO ; ( CORRE PARA ELA.)

Chega Clio, chega.

CLIO - ( SACULINDO-O LONGE.)

Ah, chega, até você, Apolo defendendo a raseira...



(VOA CONTRA ELE TENTANDO AGATANHÁ-LO. VÁRIOS HOMENS CORREM EM SOCORRO /  
DE APOLO E DOMINAM CLIO. ELA LUTA FURIOSAMENTE ATÉ, QUE EXAUSTA, SE /  
ABATE.)

APOLO - Pronto. Agora, ponham ela na maca. E vamos embora.

( NESTE MOMENTO ENTRA EM CENA O PESSOAL DO BATUQUE, CUJO RITMO /  
DEVE VIR SE APROXIMANDO AO LONGO DAS CENAS ANTERIORES. É UM /  
GRUPO DE MENINOS ENXAXATES, E BATEM COM AS ESCOVAS EM SUAS /  
CAIXAS E LATAS. NÃO DÃO MUITA ATENÇÃO AO QUE SE PASSA E VÃO SE  
ACOMODAR A UM CANTO, SEM PARAR DE BATER, ENQUANTO OS CIRCUN--  
STÂNCIAS ARRUMAM CLIO NA MACA.)

UM MENINO - ( CANTANDO.)

Paz, muita paz.

Paz, muita paz.

Que falta neste mundo que ela faz, rapaz...

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

SEGUNDO MENINO - ( QUE PARECE O CHEFE DO BANDO.)

Não, essa não. Vamos cantar aquela, outra de Orfeu, a-  
quela que ele deu pra mim...

TERCEIRO MENINO - Você enche com este saabinha....

SEGUNDO MENINO - Tás aí pra isso, tás? Vê, taca peito.

( O BATUQUE ENTRA, OS MENINOS BATENDO NAS CAIXAS, ENQUAN-  
TO O OUTRO GRUPO COMEÇA A SE MOVIMENTAR, ACOMPANHANDO /  
A MACA QUE TRANSPORTA CLIO. AO MESMO TEMPO SE INICIA /  
EM VOZ BAIXA, A MEDIDA QUE VAI CRESCENDO UMA SALVE RAI-  
NHA REZADA PELAS MULHERES. AOS POUCOS, COM A PROGRESSÃO  
DA REZA, AS PESSOAS QUE RESTAM COMEÇAM A SE AJELIAR, /  
ENQUANTO A ORAÇÃO PROSEGUIE EM MEIO AO BATUQUE. AS IM-  
PRECAUÇÕES DISTANTES DE CLIO. OS MENINOS





(SAMBÁ, NO INTERIOR DA "TENDINHA, CONTINUA. MIRA PÕE-SE AS MÃOS NOS OUVIDOS E DE REPENTE INVESTE FORTE A DENTRO, E FAZ PARAR O SAMBA, EM MEIO A AGITAÇÃO GERAL.)

UMA MULHER - ( BEBADA.)

Que folga, que é que tu tás pensando aí, hein Mira? Mané-  
ra, Mira... ( AOS CIRCUNSTANTES.) Vamos com esse samba pes-  
soal, tem umas caras que não quer mas tem outras que quer..  
Então, que é isso? Quem é que manda aqui; é homem ou Mira?

MIRA - Vai-te tu sabes muito bem pra onde... Põe banca não, perua, que eu/  
te manjo... Tu não dá nem pra saída.

A MULHER - ( DESDENHOSA.)

Tirei de letra... Vai encher outro, Mira... Se tu fosses mu-  
lher como eu, Orfeu não te largava igual que te largou, pior/  
que pano de cozinha. ( RI HISTÉRICAMENTE.) Eu, não. Orfeu fi-  
cou comigo uma semana; Eu, a bacana.

MIRA - ( AS MÃOS NOS QUADROS.)

Tu?... Muito bacana... Bacana como casca de banana... Bacana co-  
mo fardo de boeiro... Bacana como a sola do meu pé... Assim é que  
tu é: muito bacana.

A MULHER - ( AMEAÇADORAMENTE.)

Te guenta, Mira...

MIRA - ( FAZENDO DOIS PASSOS PARA ELA.)

Guenta você mulher.

( INVESTE SOBRE ELA E AS DOAS SE ATRACAM. LOGO ACORREM HOMENS E MU-  
LHERES DA "TENDINHA," que as separam. )

A MULHER - ( DEBATENDO-SE.)

Deixa essa cara vir, deixa ela vir... Vem, Mira, pode vir.



MIRA - ( SOLTANDO-SE DOS QUE A SEGURAM.)

Dá até pra rir...

( O CIRCUNSTANTES CARRGAM A MULHER E ALGUMAS COMPANHEIRAS DE MIRA CERCAM-NA, DENTRO EM POUCO, O AMBIENTE DENTRO DA " TENDINHA"/ PARECE SE TER REESTABELECIDO E LOGO SE OUVI UM NOVO SAMBA, SEGUI-LO DE CANTOS E GARGALHADAS GERAIS.)

TOCOS - ( EM CORO.)

Não posso esquecer

O teu olhar

Longe dos meus...

Ai, o meu viver

É te esperar

Pra te dizer adeus...

Mulher amada,

Destino meu

É madrugada

Sereno dos meus olhos já correu....

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

UMA MULHER - Deixa isso pra lá, Mira...

MIRA - É, não tem nada... Eu quero é encher a casa.

OUTRA MULHER - Tou nisso, hein Mira....

O HOMEM - Como é Mira ? Eles tão te reclamando... Seja legal e v-a fazer/ as pazes... Vamos beber e cantar samba, Mira que a morte é certa...

MIRA - ( SURTAMENTE GRAVE.)

É mesmo. A morte é certa... É a única coisa certa nessa

{ VOLTA-SE E SURTAMENTE CORRE PARA A " TENDINHA", SEGUIDA DAS OUC...







( NESSE MOMENTO CHEGA UM HOMEM A PORTA DA " TERDINHA " E LOGO DEPOIS APARECE NURA, VEM MUITO BEBADA E MUITO DESCOMPOSTA. EM GRUPO DE MULHERES / NO MESMO ESTADO ACOMPANHAM-NÁ, ASSIM COMO UNS POUCOS HOMENS, MAS ESTES A VISTA DE ORFEU, RETIRAM-SE COM RESPEITO.)

MIRA - ( ALTO, MOSTRANDO ORFEU.)

É este o cara de quem tavas falando?

UM HOMEM - ( SEGURANDO MIRA PELA BRAÇO.)

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

Deixa ele mulher.....

( MIRA DESENCIENHA-SE DELE COM UM SACOLEIRO. EM VISTA DISSO / O HOMEM DÁ DE OMBROS, FAZ UM SINAL AOS OUTROS E VÃO SAINDO / TODOS DE VAGAR:)

UM SEGUNDO HOMEM - Bom, minha gente, vemá vida. É hora de pegar uma boa / berçolina, vem' bora, pessoal...

UM TERCEIRO HOMEM - Vem' bora, Mira. Deixa o homem em paz. (SAM.)

MIRA - Deixa o homem em paz... " Tá boa... " Tá assim por minha causa...  
Louco... louco...

UMA MULHER - ( EM TOM ROMBETEIRO AINDA.) Ah, é ? passa amanhã...

É mesmo Mira ?

UMA SEGUNDA MULHER - ( EM TOM MAIS ROMBETEIRO AINDA.)

É mesmo Mira ?

( AS DUAS CEM NA CREGALHADA, LOGO ACCOMPANHAM PELAS  
OUTRAS, A BASE DESSAS BRICADEIRAS, MULHERES DE-  
BALAS, LEO-SE TRANCOS, DANÇAM PASSOS E /



BRINCAM DE CAPOERA, MAS O AMBIENTE É TENSO E AMEAÇADOR.)

MIRA - ( FURIOSA.)

Ah, ninguém me acredita... Suas negras. Pois já vão ver...

( CHEGA-SE A ORFEU E SACODE-O BRUTALMENTE. O MÚSICO QUE DESDE O INÍCIO DA CENA NÃO PARCELA DAR PELAS MULHERES, SAI DO SEU TRANSE E OLHA MIRA. A MULHER SACODE-O, DEPOIS NUM GESTO ARREBATADO COLHE-O PELA CABEÇA E BEIJA-O SOBRE A BOCA. EM MEIO A ESTE BEIJO, ORFEU DESPERTO, ATIRA-A LONGE. MIRA ROLA POR CIMA DAS OUTRAS E ALGUMAS CAEM.)

ORFEU - ( ALUCINADO.)

Pra fora, suas cadelas.

Pra fora, senão eu.....

( SUSPENDE O PUNHO FECHADO AMEAÇADORAMENTE, MAS EM MEIO AO GESTO PARCE NOVAMENTE PERDER-SE. OLHA PARA O AETO, ATONITO, DEPOIS CHAMA BAIXINHO.)

ORFEU - Visão... Visão...

( AS MULHERES, COMO POSSESSAS, AQUILADAS POR MIRA, ATIRAM-SE SOBRE ELAS, COM FADAS E NAVALHAS. COMO UM LACONTE, ORFEU LUTA PARA DERRENCILHAR-SE DA PENCA HUMANA QUE O MASSACRA. DEPOIS CONSEGUINDO LIBERTA-SE POR UM MOMENTO FOGE COBERTO DE SANGUE, COM AS MULHERES NO SEU ALCANÇO.)

### P L A S O F I N A L.

O LOCAL DO BARRCO DE ORFEU TODO VAZIO. LUAR INTENSO.

ORFEU - ( CHEGA CORRENDO, COBERTO DE SANGUE.)

Eurídice, Eurídice, Eurídice..

( CAI. A DAMA NEGRA SURGE DA SOMBRRA.)



A DAMA NEGRA - ( FALANDO COM A VOZ DE EURÍDICE.)

Aqui estou, meu Orfeu. Mais um segundo e tu serás eternamente meu.

ORFEU - ( PROSTRADO.)

Me leva, meu amor...

( AS MULHERES ENTRAM CORRENDO, ESPARRAPADAS E COBERTAS DE SANGUE, COMO FÚRIAS. AO VEREM ORFEU CAÍDO, PRINCIPITAM-SE SOBRE ELE E CORTAM-NO LOUCA, SELVAGEMENTE. DEPOIS DESSA GARNIFICINA MIRA LEVANTA-SE, DE ENTRE AS OUTRAS MULHERES. TRAZ NA MÃO O VIOLÃO DE ORFEU. NUM IMPETO, ARREMESSA-O LONGE, POR CIMA DA AMURADA. OUVEM-SE BATER O INSTRUMENTO, NUM SOM MONSTRUOSO. MAS/LOGO DEPOIS UMA MÚSICA TREMULA INCUTE, MISTERIOSAMENTE E INCERTA. APAVORADAS AS MULHERES FOGEM. A DAMA NEGRA APROXIMA-SE DO CORPO E ENVOLVE-O COM SEU LONGO MANTO, ENQUANTO A MÚSICA / DE ORFEU SE AFIRMA, LÍMPIDA E PURA. A FIGURA DA DAMA NEGRA COBRINDO O CADÁVER DE ORFEU COM SEU MANTO POUCO A POUCO ESVAZEA. ENTRA O CORO.)

C O R O.

Junteram-se à Morte, a morte e a lua  
Para matar Orfeu, com tanta sorte  
que mataram Orfeu, a alma da rua  
Orfeu, o generoso, Orfeu, o forte.  
Porém as três não sabem de uma coisa:  
Para matar Orfeu não basta a Morte.  
Tudo morre que nasce e que viveu.  
Só não morre no mundo a voz de Orfeu.

F I M

Teatro de Arena  
Av. Borges de Medeiros, 835  
Fone: 226.0242 - CEP 90020-025

